

Controvérsia com respeito a Mateus 28:19

“Ide e fazeis discípulos de todas as nações em meu nome, ensinado-lhes todas as coisas que eu vos tenho mandado”.

Um estudo baseado em declarações da igreja (romana), que colocam a descoberto uma verdade da qual pouco se fala.

Por ANDRÉS MENJÍVAR – <http://www.iglededios.org/>
Tradução: Pb. Sérgio – igreja de Deus (7º dia) em São Paulo

igreja de Deus (7º dia) em São Paulo

Controvérsia com respeito a Mateus 28: 19

Primeira Parte

As alterações do texto

É conhecida a existência de milhares de fragmentos do Novo Testamento em museus e coleções privadas em vários países do mundo. Todos bastante interessantes pois servem para comprovar como, através dos séculos, centenas de pessoas colaboraram, sem o saber, na preservação dos escritos que posteriormente viriam a ser compilados em um só volume conhecido como o Novo Testamento.

A falta de sociedades bíblicas e de casas editoriais dedicadas à publicação de obras literárias, com certeza levou a muitas pessoas a assumir a tarefa de copiar os escritos evangélicos e apostólicos para uso doméstico. De certa forma, essa ação foi louvável porque mostra o interesse que muitos tiveram para dispor de um documento no qual basear sua fé. Porém, à medida que a proliferação de cópias aumentava, essas cópias, vieram a converter-se em centenas e até milhares, as quais na atualidade se possui fragmentos que são testemunhos vivos guardados em coleções públicas e privadas. Mas, o mais interessante de tudo, sem dúvida alguma, é que esses fragmentos testificam fortemente com respeito à alteração que sofreram os escritos apostólicos quando foram reproduzidos. Porque as pessoas não somente copiaram, mas mudaram muitas palavras originais.

Por exemplo o Códice Vaticano, do século IV, que dizem ser um dos fragmentos mais antigos que se conhece atualmente, contém em Revelação (Apocalipse) 22: 14 a frase grega <oi poiountes tas entolás autón> que em português equivale a: “os que guardam e obedecem a seus mandamentos”, mas em fragmentos posteriores foi mudada para <oi plunontes tas stolás autón> que em português quer dizer algo assim como: “os que lavam suas roupas”. Isso não somente sugere a mudança de palavras mas, também a corrupção de todo o versículo e a corrupção total do significado do texto.

Por que as cópias mais antigas dão como bem-aventurados aos que guardam os mandamentos de Deus, enquanto que as posteriores sugerem que são bem-aventurados os que lavam suas vestes? É claro que semelhante mudança não desperta o interesse geral para denunciar tão calamitosa mudança. Mas normalmente é tido como mais adequado por aqueles que pregam a fé desligada do compromisso de guardar a lei de Deus. O que pode ter ocasionado semelhante mudança? A história da igreja, escrita por vários autores, repetidamente narra aos conflitos entre os líderes da igreja que estava sendo edificada pelos bispos a partir do II século e os judeus. Claro que cada escritor tem o propósito de enfatizar a suposta superioridade dos bispos sobre o escasso e pouco estimado entendimento judeu com respeito às escrituras hebréias. Tal antagonismo escrito e falado trouxe como resultado a rejeição total a todos os judeus. Porém não só isso, mas também ocasionou desinteresse e rejeição ao povo ganho por Cristo por estar ligado a observância da lei de Deus (mandamentos morais). A estes, quando ocasionalmente mencionados, são chamados de hereges, judaizantes e incompatíveis com a doutrina que os bispos estavam construindo. Desta maneira, as provas históricas proporcionadas pelos escritores eclesiásticos claramente sugerem que a rejeição à lei de Deus pode ter sido a causa pela qual Apocalipse 22:14 foi alterado.

Em Apocalipse 14: 5 alguns manuscritos omitem a frase “diante do trono”. O que pode ter ocorrido? As conclusões nos levam a pensar que o motivo foi que uns copistas puderam tê-la omitido involuntariamente no momento de copiar, e que outros a colocaram porque lhes parecia piedoso agregar aquilo que o manuscrito de onde estavam copiando não possuía. Indubitavelmente será impossível saber se o original de Apocalipse 14: 5 continha ou não.

É geralmente conhecido e aceito que Marcos 16: 9-20 foi acrescentado pelos copistas. Autoridades em matemática bíblica (católicas e protestantes), sustentam que o original não continha esses versículos, mas que são aceitos porque a igreja católica os canonizou. Dizem que o final de Marcos original termina abruptamente, ignorando-se porque finaliza no versículo 8. Isso abriu a oportunidade para adicionar quanto os reprodutores quiseram. Por conseqüência, as evidências apontam fortemente a concluir que a adição foi feita com o propósito de desvirtuar a ressurreição de nosso Salvador no sábado e atribuí-la ao primeiro dia da semana, depois de tudo, a igreja, a partir do II século (a parte da igreja apostólica), enfatizou o primeiro dia da semana como seu dia de repouso. Ao analisarmos a história do primeiro dia da semana na igreja, as conclusões nos levam a ver como a pessoa que fez sua cópia pessoal de Marcos não vacilou em colocar de sua forma, aumentando-o o quanto quis, da forma que melhor lhe pareceu. Ninguém discute a respeito desse texto acrescentado, pelo contrario o mantém como genuíno, sem nenhuma objeção, além de que a igreja canonizou esses versículos acrescentados, e mesmo que em várias versões da Bíblia é colocado que

o final (vs. 9-20) não era parte dos manuscritos mais antigos, não parece ser motivo o bastante para pensar em omiti-los nas versões que vão sendo publicadas.

Alguns motivos para a alteração

A alteração da fonte original pode ser atribuída a vários fatores, entre eles: 1- A possível pouca legibilidade de algumas palavras originais as quais puderam ter deteriorado devido ao uso, ao pouco cuidado no transporte e às condições atmosféricas a que estiveram expostos. 2- As cópias com erros que foram utilizadas para fazer outras cópias. Fragmentos que chegaram ao nosso tempo possuem notas marginais possivelmente colocadas por copistas, as quais dizem claramente que existiam dificuldades nos originais de onde estavam copiando. 3- O propósito deliberado de alterar as cópias para que parecesse que os apóstolos disseram algo que na realidade não disseram. Com certeza este último foi o procedimento mais indecoroso que jamais se havia cometido contra os manuscritos originais, porque semelhante alteração não ocorreu devido a letras ou palavras de difícil leitura, mas sim a um modo tendencioso de utilizar as fontes originais para introduzir crenças pessoais ou comunitárias. Na realidade fazer cópias renovando algumas letras borradas não teria sido problema, mas veio a ser quando os copistas, por motivos pessoais ou comunitários, mudaram letras, incluíram palavras, versículos, ou até vários versículos de uma vez como no caso mencionado acima no final de Marcos. Mesmo que a opinião geral sustente que a narração de Marcos termina de um modo abrupto, de nenhuma maneira justifica que mãos estranhas tenham se tomado do direito de fazer suas cópias com um final “adequado”; muito menos justifica que semelhante texto acrescentado continue aparecendo sem as devidas explicações.

Outro caso muito conhecido é a interpretação que fizeram do original de 1João 5: 7, 8 o qual no texto Recebido (Textus Receptus) é vertido como: Três são os que dão testemunho no céu: <<O Pai, o Verbo e o Espírito Santo; e estes três são um>> <<E três são os que dão testemunho na terra: o espírito, a água e o sangue; e estes três concordam>>. Enorme alteração por certo, e quem a fez sem dúvida recorreu ao engano para fazer crer que a Sagrada Escritura apóia a doutrina pagã da trindade. Vários editores continuam publicando suas Bíblias com esse enorme erro, dando como genuíno o que é falso. Outras versões que utilizam versões mais antigas do que as que se tomaram para fazer o texto recebido, transcrevem de forma correta o texto grego da seguinte maneira: 7 Pois três são os que dão testemunho 8 o espírito, a água e o sangue e os três concordam. Com se pode ver o versículo 7 é curto e ligado ao 8 formando uma só idéia.

Claramente se pode ver, que através dos séculos, existiram mãos que tomaram a liberdade de alterar as cópias que fizeram, ocasionando com o seu mal proceder um dano bastante grave àqueles que lêem a Bíblia, pois ao ler essas alterações crêem que são de origem divina e acabam sendo instruídos de forma errada, crendo na mentira. Porque não importa se a tradição aceita mudanças e as toma como boas, o que importa é ver como semelhantes mudanças comprovam a pouca delicadeza dos copistas que para favorecer crenças estranhas, que nada tem a ver com a verdade, não vacilaram em alterar em alterar o trabalho que fizeram para dar credibilidade que tudo quanto escreveram era fidedigno aos manuscritos apostólicos. O que se pode concluir é que a enorme diversidade de fragmentos, com suas variantes, sejam menores ou maiores, mostram através da história que sim, as palavras originais dos apóstolos foram alteradas, isso deve ter começado a acontecer a partir do II século de nossa era, nas congregações locais onde a nomenclatura episcopal estava projetando o caminho por onde eventualmente a igreja ia caminhar. O dano feito à verdade da mensagem evangélica é irreparável, e o é porque nem todas as pessoas têm a seu alcance documentos históricos de consulta sobre os quais basear a fé, pelo contrário, dispõem apenas de literatura popular desenvolvida de acordo à perspectiva histórica da igreja.

A verdade acerca de 1João 5: 7, 8

Existe uma verdade a respeito desse texto a qual começa com a pressão que se diz que a igreja fez sobre Desiderio Erasmo para que incluísse na terceira edição de seu texto grego, de 1522, o chamado <<comma joanino>> (comma johanneum). Diante dessa pressão, Erasmo teve que defender a razão pela qual ele havia omitido dizendo que os manuscritos que havia consultado não continham esses versículos dessa forma, contudo a pressão foi muita e cedeu incluindo-o.

Por ser interessante este assunto passo a transcrever o comentário do notável (já falecido) erudito mexicano Doutor Gonzalo Baes Camargo, cujo comentário em seu livro: Breve História do Texto Bíblico diz:

A contribuição de Erasmo

“É claro, para o hebreu havia a vantagem de ter a mão o texto massorético, zelosamente preservado. Mas não acontecia o mesmo com o grego. Se fariam mais a frente versões do Novo Testamento diretamente do grego era imprescindível que das inúmeras cópias então disponíveis surgisse um texto que servisse de base. Foi Erasmo quem empreendeu com muita coragem assim como com competência essa hercúlea tarefa. Porém tropeçou numa grande limitação. Não pode dispor de mais de meia dúzia de manuscritos, sendo que a maioria não era anterior ao século XII, e com menos sorte ainda, nenhum completo, ao ponto dele ter que retraduzir do latim os últimos seis versículos do Apocalipse. Seu texto foi editado em 1516 e segue a tradução textual bizantina. Como em certas partes distanciou-se da sacro santa Vulgata, o texto de Erasmo sofreu duros ataques. Certamente pela pressa em publicá-la o texto estava crivado de erros de digitação. A segunda edição, 1519, corrigiu muitas dessas falhas acidentais. Mas a acusação mais forte era a de que ele havia se atrevido a mutilar a Sagrada Escritura, omitindo em 1João 5: 7, 8 o que se tem chamado de <<comma johanneum>>, a frase: “no céu: o Pai, o Verbo e o espírito santo; e estes três são um. E três são os que dão testemunho na terra”. Que apareceria depois na edição Clementina (1592) da Vulgata. Erasmo se defendeu dizendo que não existia essa parte em nenhum manuscrito grego. Exasperado porque este argumento não parecia convencer a ninguém, e continuaram a anatematizá-lo. Em um surto de desgosto prometeu que se lhe mostrassem um só manuscrito que contivesse essa frase a colocaria na próxima edição. Aconteceu que em 1520 apareceu um manuscrito em Dublin que a continha. [Isto ainda se ensina assim no Trinity College]. Fiel a sua precipitada promessa, Erasmo inseriu a frase na terceira edição, 1522. Porém em uma apostila, expressa suas suspeitas de que esse manuscrito fora uma falsificação feita com esse propósito. Na realidade, quando foram descobertos, depois de Erasmo, os grandes códices Sinaitico, Alexandrino e Vaticano, muito mais antigos e autorizados, e foram examinados outros códices mais, tanto unciais como de minúsculas, versões antigas, incluindo edições da Vulgata anteriores a Clementina, citações de Padres notáveis, entre eles o próprio São Jerônimo e lecionários, fica plenamente provado que o sábio e humanista holandês não estava fazendo outra coisa a não ser suprimir uma interpolação tardiamente introduzida no texto latino. E quanto ao famoso códice de Dublin, autoridades modernas como Rendell Harris e C. H. Tumer sustentam a probabilidade que tenha sido forjado em Oxford por um franciscano de nome Froy ou Roy, que traduziu do grego a debatida frase que se havia introduzido na versão latina.

O Novo Testamento grego de Erasmo teve uma quarta edição (1527) e foi à base das três edições do famoso editor hugonote Robert Estienne (Stephanus), das que a terceira (1550), revisada e agrupada de 15 manuscritos tardios, veio a ser a base de um texto grego, que sem declaração formal ou oficial de igreja alguma, chegou a ser considerado comumente como *textus receptus*, mas sem que persistisse nessas versões a influência dominante da Vulgata. Com tudo em 1897, por exemplo, a Sagrada Congregação do Santo Ofício ditou que o *comma johanneum* era autêntico, e depois em 1937 essa decisão foi revogada”.

Este prestigiado erudito expõe para os leitores de língua espanhola uma valiosa informação a respeito da grave interpolação de que foi objeto o texto de 1João 5: 7, 8, a qual se suspeita originou-se a uns quinhentos anos na Irlanda, possivelmente pelas mãos de um monge. Isto também mostra como através dos séculos se tem mantido firme o desejo de validar o dogma trinitariano que foi originado entre os séculos IV e V d. C., ao grau de fazê-lo aparecer em manuscritos falsos que foram elaborados sem nenhuma ética.

Breve conclusão

Concluindo a esta primeira parte pode-se dizer que a intenção de alterar (partes chave) as cópias era um costume bastante freqüente entre as pessoas que mais se interessavam em exaltar suas crenças que por fazer transcrições fidedignas. Assim alguém poderia perguntar-se. Que outras alterações têm sido feitas à medida que o tempo tem passado, das quais pouco se fala?

Leia a segunda parte.

Segunda parte

O Evangelho de Mateus

As versões do Novo Testamento Grego nomeiam o primeiro dos evangelhos simplesmente como <<kata maththaion>> ou seja “segundo Mateus”. Esse cabeçalho (título) é posterior ao trabalho do evangelista e com certeza não foi colocado por ele, mas sim depois pela tradição por ser a esse apóstolo a quem é atribuída a sua escritura. Claro que a autoria do escrito não é duvidada nesse estudo, mas está colocação é apenas a título de curiosidade e conhecimento.

As versões em línguas modernas como o inglês, espanhol e português o nomeiam segundo a igreja católica, ou seja: <<The Gospel According to Saint Matthew>>, ou <<El Santo Evangelio Según San Mateo>> ou em português <<O Evangelho Segundo São Mateus>>.

Alguns eruditos pensam que existem “fortes evidências” de que para escrever seu registro Mateus recorreu ao registro escrito por Marcos. Em minha opinião pessoal isso é somente suposição carente de bases reais. E o é porque quem inspirou a aqueles homens a escrever foi o espírito santo de Deus. Ademais, por que Mateus haveria de copiar algo o qual ele havia sido testemunha ocular, e inclusive seu registro é mais abundante em citações do Antigo Testamento que Marcos?

As datas propostas para o aparecimento dos quatro evangelhos não são suficientemente comprovadas e não deveriam ser usadas para afirmar que o primeiro dos quatro quem escreveu foi Marcos. Marcos é curto, menos informativo que Mateus. Marcos não foi apóstolo, Mateus sim. Marcos não foi testemunha ocular dos feitos do Salvador, Mateus sim. Marcos nem sequer foi levado em conta para a eleição do substituto de Judas Iscariotes.

Mateus escreveu em grego?

Até hoje, quase que no geral é crido e ensinado que Mateus escreveu seu evangelho em grego. Nada se discute a esse respeito e nada se faz para abordar esse tópico para explorar até onde essa crença pode ser verdadeira. Diz-se que seu escrito apareceu pela metade do primeiro século, mas sempre se evita explicar o porque de havendo sido escrito para os israelitas utilizou ele uma língua estranha ao invés da língua israelita, o hebreu. Inclusive os padres da igreja romana não apóiam a escrita de Mateus em grego, mas sim que foi escrito em hebreu.

Algumas fontes

Irineu (185 d. C.) <<Contra os hereges>>, livro III. Capítulo 1. 1 diz que: “Mateus publicou um evangelho escrito para os Hebreus em seu próprio dialeto”.

Eusébio (325 d. C.) <<Historia Eclesiástica>> livro III. Capítulo 24. 6 diz: “Efetivamente, Mateus, primeiramente havia pregado aos hebreus, quando estava a ponto de sair para pregar aos gentios, entregou por escrito o seu Evangelho, em sua língua materna, suprimindo assim por meio da escrita o que faltava para aqueles que estavam longe”.

Epifanio de Salamina (315-403 d. C.) <<Panarion 30. 13. 1-30. 22. 4>>, ao referir-se ao evangelho usado pelos Ebionitas disse: “Mateus escreveu seu Evangelho na língua hebréia”.

Jerônimo (347-420 d. C.) Em <<Vida de homens ilustres>> Capítulo III diz: “Mateus que também é conhecido como Levi, apóstolo, ex-publicano, escreveu o Evangelho de Cristo em letras e palavras hebréias, primeiro na Judéia para aqueles da circuncisão que criam. Quem depois o traduziu para o grego é incerto. Mas, Mateus em hebreu, temos hoje na biblioteca de Cesaréia, a qual Panfilo, o mártir, organizou. Eu também tive a oportunidade de copiar dos Nazarenos, que utilizam um volume em Boréia, uma cidade da Síria. Nele se nota que sempre que o evangelista fala do Senhor Salvador, faz completo uso dos testemunhos das antigas escrituras, ele não seguiu a autoridade dos tradutores da LXX, mas sim do hebreu, do qual são esses dois versos: “do Egito chamei a meu filho” (2:15), e, “Porque ele será chamado Nazareno”. (2:23).

Bastam estas provas para confirmar positivamente que o Evangelho de Mateus foi escrito originalmente em hebreu e não em grego como popularmente é sugerido. Observe-se que entre todas as fontes transcritas aqui, Jerônimo é bastante amplo e específico, detalhando suficientemente a existência desse valioso Evangelho em língua original.

Ele menciona duas coisas interessantes que merecem muita atenção: **1-** Diz que ele viu esse manuscrito (ou pelo menos uma cópia dele) na biblioteca de Cesaréia, que havia sido compilada por Panfilo. Ou seja, não somente comenta a sua existência, mas que a viu, dando com isso inteira confiabilidade de que suas palavras são certíssimas. Isso claramente significa que entre os séculos III e IV d. C., esse documento em sua língua original existia e era ele que circulava, se não universalmente, mas nas mãos de muitos. **2-** Acrescenta que não somente viu uma cópia desse manuscrito, mas também contactou a seita dos Nazarenos e fez cópia do volume que possuíam. Isso significa que ele menciona duas cópias, e se levarmos em conta que a seita dos Nazarenos não era um grupo solitário, mas sim um grupo de congregações, perceberá que significa que cada congregação possuía uma cópia no hebreu e não no grego.

Apesar de que os Nazarenos eram uma seita que existia muito antes dos bispos criarem uma igreja com base em suas crenças pessoais, a seita é amplamente desprestigiada por seu apego a observância às leis de Deus. Contudo, hoje em dia, deveríamos levar em conta que esse desprestígio provinha daqueles bispos

que ardentemente combateram a observância da lei de Deus, principalmente contra a observância do Sábado e contra tudo aquilo que tivesse alguma relação com o povo israelita, o que incluía aos Nazarenos e Ebionitas.

Sendo de origem pagã, os bispos olhavam aos israelitas com desdém, com desconfiança de seus costumes e crenças, e nos seus escritos de modo algum pesaram o fato de serem povo escolhido de Deus, ao contrário, com verdadeiro empenho os rebaixaram ao máximo, fazendo parecer que esse direito outorgado divinamente não tivesse valor algum.

Com certeza, dentro desse desprestígio caíram ambas as seitas judaicas e cristãs. Contudo, os nazarenos (sem o saber) proporcionaram a Jerônimo uma informação de grande valor concernente a existência do Evangelho de Mateus escrito em hebreu. Uma cópia dele, a qual o próprio Jerônimo dá testemunho, estava em poder deles em Boreia. Se a seita nessa cidade possuía uma cópia, corretamente pode se concluir que essa seita, estando disseminada em outras cidades, possuía suas correspondentes cópias.

Fica então estabelecido que mesmo no século IV d. C. o evangelho de Mateus, escrito na língua hebréia, continuava existindo, e que possivelmente Eusébio, sendo um historiador sério, e dispondo de uma cópia (a herdada de Panfilo), pode constatar que a fórmula batismal estava ausente, e com certeza deve ter sido essa a razão de que em todas as vezes que cita Mateus 28: 19, nunca a menciona.

De onde veio a fórmula batismal? Parece que esta vem de Mateus na versão grega, a qual o próprio Jerônimo se encarrega de dizer que não se sabe quem a escreveu, não é à toa que ele escreveu: “quem depois o traduziu para o grego é incerto”. Nenhum dos escritores do século II o menciona, o que nos pode sugerir que nesse tempo Mateus em grego ainda não existia.

Terceira parte

A fórmula batismal

“Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém”. [Mateus 28: 19, 20]

Curioso e contraditório como é, esse texto fala de ir por todo o mundo e fazer discípulos, depois diz que se lhes deve batizar e por último doutrinar-los. Não está com falta de coordenação? Como que primeiro tem que batizar e depois doutrinar? O correto é primeiro doutrinar e depois batizar. Para entender isso leia o que se segue nesse estudo, principalmente na parte 4.

É popular nas igrejas da cristandade batizar seus convertidos (não os de Cristo) utilizando a fórmula: “eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do espírito santo”, segundo as palavras de Mateus 28: 19, dessa maneira se pensa que a cerimônia é realizada de acordo com o que manda a Palavra de Deus. Inclusive o dogma da santíssima trindade encontra nesse texto respaldo sem precedentes sobre o qual sustentar que foi o próprio Senhor Jesus Cristo que ao nomear as “três pessoas juntas” inequivocadamente está legitimando a fórmula trinitariana. Não importa que versão da Bíblia ou que versão do Novo Testamento grego se consulte, todos indubitavelmente registram assim Mateus 28: 19 sem variantes.

Lamentavelmente como acabamos de expor acima, o Evangelho de Mateus disponível na atualidade está escrito em grego, e se atribui a Mateus a sua autoria. Sem engano algum, Jerônimo, citado acima, disse: “quem depois o traduziu ao grego é incerto”, ou seja, o autor da versão grega de Mateus é desconhecido, isso sem dúvida significa que o discípulo de Cristo, ao qual se atribui haver escrito seu registro em grego não é o seu autor. Não, Mateus não era de origem pagã, suas raízes judias desconheciam totalmente a existência, nas escrituras hebréias do Antigo Pacto, a existência da trindade.

Isto é geralmente aceito por algumas autoridades bíblicas sérias que pertencem à igreja. Nosso Senhor Jesus Cristo jamais menciona semelhante coisa, não, Ele nunca menciona a trindade, e não a menciona porque essa crença pertence unicamente ao paganismo. (Não é de se admirar que os bispos que fundaram a igreja romana a enfatizam tanto, já que eles, ainda que tenham renunciado ao culto público de seus deuses, não se despojaram de algumas crenças com as quais construíram o que eventualmente se tornaria o dogma da trindade).

A trindade nunca é mencionada pelos apóstolos mesmo que muitos autores atuais de livros, para venda popular, dão seus jeitinhos de coloca-la nos lábios e escritos deles.

Se os ensinamentos do Mestre nunca mesclaram a mensagem divina com crenças pagãs, não é óbvio que Mateus nunca escreveu o que o Mestre não ensinou? Não é uma base sólida pensarmos por que Eusébio, possuindo Mateus em hebreu, nunca menciona a fórmula batismal em todas as citações que faz de Mateus 28: 19? Certamente que é!

A omissão da fórmula batismal não é casual por Eusébio, ele a omite porque sabia que Mateus original não continha.

Como já têm sido exposto na primeira parte, as centenas de fragmentos do Novo Testamento disponíveis hoje em dia testificam que alguns copistas falsificaram os autógrafos, acontecendo assim que suas cópias contem alterações severas. Lamentavelmente com o decorrer do tempo essas cópias alteradas vieram a ser tidas como fidedignas do original. Isto significa que a pouca estatura ética dos copistas que traduziram Mateus do hebreu para o grego permitiu que cometessem fraude ao haver inserido a fórmula batismal, sugerindo com sua fraude que Mateus escreveu algo que na realidade ele não escreveu. O pior é que o que mãos desconhecidas acrescentaram, hoje é visto como genuíno, como se fosse de inspiração divina. Assim, a fórmula batismal de Mateus 28: 19 é tida como de origem divina.

O testemunho de Eusébio de Cesaréia

Depois da morte de Panfilo (por volta de 309 d. C.), seu aluno, Eusébio de Cesaréia, passou a cuidar da biblioteca de seu mestre. Tão próximo de Panfilo era Eusébio que alguns historiadores o chamam Eusébio Panfilii, ou seja, Eusébio de Panfilo. Isto sem dúvida indica que Eusébio teve em seu poder essa cópia de Mateus em hebreu. Disso que quando ele menciona o mandamento de Cristo dado aos seus discípulos de ir pregar o Evangelho, o faz baseando-se no texto hebreu ao invés do de em alguma versão grega, se é que naquele tempo já estava disponível alguma delas. Haver utilizado a versão de Mateus em hebreu é a forte probabilidade pela qual nunca menciona o batismo. Ao referir-se a Mateus 28: 19 Eusébio disse: “Esta lei vinda de Sião, diferente da lei estabelecida no deserto por Moisés no monte Sinai”, que poderia ser se não a palavra do Evangelho, “vinda de Sião por meio de nosso Salvador Jesus Cristo e indo por todas as nações? Porque é claro que foram Jerusalém e o monte Sinai, que estava adjacente onde Nosso Senhor e Salvador viveu e ensinou a maior parte, que a lei do novo pacto começou e dali saiu e brilhou sobre todos de acordo ao mandamento que ele deu aos seus discípulos quando lhes disse: <<ide e fazeis discípulos de todas as nações ensinando-lhes a guardar todas as coisas que os tenho ensinado>>. (Eusébio. Demonstração do Evangelho. Capítulo 4) “Mas, enquanto os discípulos de Jesus estavam mais provavelmente dizendo dessa maneira, ou pensando dessa maneira, o Mestre resolveu suas dificuldades pela adição de uma frase, dizendo-lhes que triunfariam EM MEU NOME. Porque ele não os enviou simplesmente e indefinidamente a fazer discípulos de todas as nações, mas sim com a adição necessária de << em meu nome>>. E o poder de seu nome é tão grande que os apóstolos dizem: “Deus lhe tem dado um nome que é sobre todo o nome, que no nome de Jesus se dobre todo joelho de todas as coisas no céu e todas as coisas na terra”. Ele lhes demonstrou a virtude do poder de seu nome, oculto à multidão, quando disse a seus discípulos: “Vão, e façam discípulos em todas as nações em meu nome”. Ele também mais exatamente previu o futuro quando lhes disse: “Porque esse evangelho deve primeiro ser pregado em todo o mundo, por testemunho a todas as nações...”

“Porém quando volto meus olhos em direção a evidencia do poder da Palavra, que a multidões ganhou, e que enormes igrejas tem sido fundadas por aqueles iletrados discípulos de Jesus, não em obscuros e desconhecidos lugares, mas nas mais nobres cidades, quero dizer, a Roma Real, Alexandria, Antioquia, todo o Egito e Líbia, Europa e Ásia, em aldeias entre as nações, me vejo irresistivelmente forçado a voltar meus passos e buscar a razão, e a confessar que eles só puderam ter tido êxito em sua atrevida aventura, pelo poder mais divino e mais forte que o do homem, e pela colaboração daquele que disse: “Fazei discípulos de todas as nações em meu nome”. Eusébio de Cesaréia. Demonstração do Evangelho. Livro III, Capítulo 7.

“Com certeza, com o poder de Cristo, que lhes havia dito: “Ide e fazei discípulos de todas as nações em meu nome”. Eusébio de Cesaréia. História Eclesiástica. Livro III. 24.6.

Eusébio de Cesaréia é tido pela igreja como um dos escritores mais brilhantes de seu tempo, homem que tendo apoiado a Ário depois se separou dele e veio a ser proeminente na construção da doutrina da trindade iniciada em Nicéia pelo ano 385; de sua grande capacidade pode se entender que tudo o que escreveu sobre o conteúdo de Mateus 28: 19 é certo.

Sem dúvida, os defensores de Mateus no grego poderiam supor a possibilidade de argumentar que apesar de Eusébio não mencionar a fórmula batismal, isso de maneira alguma poderia significar que esta não exista. Mesmo que já tenha falado brevemente disso antes, o subtítulo a seguir é mais contundente para demonstrar que não foi Mateus quem escreveu a fórmula batismal já que essa foi uma adição posterior, e que a omissão repetida de Eusébio não é acidental mas sim com base na fonte de Mateus em hebreu que ele possuía.

É visível que em todas as referencias que Eusébio faz ao mandamento divino de Mateus 28: 19 nos seus livros: Demonstração do Evangelho, e História Eclesiástica, sempre com confiança repete as palavras do

Mestre que disse; “ide e fazeis discípulos de todas as nações em meu nome”. Expondo claramente que o texto não menciona o batizar. Sim, Mateus 28: 19 original (hebreu) não fala de batizar, como pretenderam fazer crer as mãos anônimas que alteraram o manuscrito quando o transcreveram para o grego adicionando a fórmula batismal <<batizando em nome do Pai, do Filho e do espírito santo>>.

É muito fácil de notar que em nenhum dos quatro evangelhos e nem os demais livros do Novo Pacto mencionam mandamento algum da parte do Senhor de ir batizar, mas sim encontramos de ir fazer discípulos. De fato se a fórmula batismal trinitariana tivera sido verdadeiramente palavras de nosso Salvador, por que não é mencionada nem sequer uma vez por eles? A verdade porque não a mencionaram nem sequer uma vez é porque Cristo não a disse.

Ao contrário Lucas menciona a ordem divina ao dizer: “... e ser-me-eis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra”. Este texto está em perfeita harmonia com as palavras de Mateus registradas por Eusébio: “ide e fazei discípulos de todas as nações em meu nome”.

Em nome de Jesus Cristo

Os escritos apostólicos não mencionam o batismo em o nome da trindade, não o deixaram de fazer por capricho, nem por negligência, ou coincidência, ou por desobediência ao espírito santo que os inspirava, mas simplesmente porque nem Jesus Cristo os autorizou, nem o Pai Celestial por meio de Seu santo espírito os inspirou a escrever tal fórmula.

Para a igreja apostólica o misterioso deus trino não existia como veio a existir por volta do V século d. C. Por que essa misteriosa fórmula batismal aparece somente em Mateus 28: 18 na versão grega? Por que se o Senhor a ordenou não a mencionaram Marcos, João e Lucas? Bom, já na primeira parte expusemos algo a respeito, devendo-se considerar atentamente que a partir do II século qualquer pessoa que o desejasse e tivesse oportunidade podia fabricar sua cópia bíblica, e não somente podia fabrica-la, mas qualquer um tinha a liberdade de escrever qualquer coisa a seu bel prazer e equipara-la aos escritos apostólicos e aos do Antigo Pacto, o que está demonstrado pela grande quantidade de escritos apócrifos do Antigo Testamento e do Novo Testamento.

Destacadas participações nessa atividade equiparacionista tiveram os gnósticos, testificadas pela biblioteca de Naq Hammadi descoberta e, 1945 no Egito, a qual contém uns cinqüenta códices todos pertencentes a essa corrente pagã.

É a partir do II século d. C., que se deve buscar a origem da alteração de Mateus 28: 19.

As seguintes, são algumas das citações dos escritos apostólicos onde claramente é mencionada a verdadeira fórmula batismal, quer dizer, a ordenada pelo espírito santo.

“E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo”. [Atos 2: 38]

“Mas, como cressem em Filipe, que lhes pregava acerca do reino de Deus, e do nome de Jesus Cristo, se batizavam, tanto homens como mulheres”. [Atos 8: 12]

“(Porque sobre nenhum deles tinha ainda descido; mas somente eram batizados em nome do Senhor Jesus)”. [Atos 8: 16]

“E mandou que fossem batizados em nome do SENHOR. Então rogaram-lhe que ficasse com eles por alguns dias”. [Atos 10: 48]

“E os que ouviram foram batizados em nome do Senhor Jesus”. [Atos 19: 5]

“Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte?” [Romanos 6: 3]

“Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo”. [Gálatas 3: 27]

Nenhum desses textos menciona o batismo em nome de Deus ou do espírito santo, pelo que podemos claramente notar que Mateus 28: 19, na versão grega, é contraditório ao que todos os apóstolos escreveram.

Possível motivo da adição

Parece que não foi antes dos séculos III ou IV d. C. que os manuscritos começaram a aparecer, antes desse tempo os escritos dos chamados “pais apostólicos”, segundo se diz, apareceram antes que os escritos daqueles chamados “pais da igreja”, e estes unicamente citam referências dos escritos apostólicos, nenhum deles menciona a fórmula batismal trinitariana. Não a mencionam porque em seu tempo ainda na havia aparecido. Pode se ter a certeza de que Mateus na versão grega ainda não era conhecida, ou se era, não a tomavam como fidedigna, motivo pelo qual não a criam como genuína. Eusébio de Cesaréia em seus

escritos expõe que Papias (II século d. C.) declara que Mateus escreveu seu livro em hebreu. Sim isso é assim! É razoável concluir que no tempo dos pais apostólicos a versão grega de Mateus, com a adição da fórmula batismal, ainda não havia sido fabricada. Isso será exposto com bases sólidas na parte 4 deste estudo.

Por outro lado, a tradição da igreja não se preocupa de reportar nada proveniente das igrejas de Deus observadoras do sábado (que com certeza, no período entre os séculos III e IV eram muitas, como as menciona Sosomenes em sua história da igreja), mas a tradição dá prioridade às igrejas onde os bispos exerciam autoridade. E daí se acredita que a adição a Mateus em grego apareceu como apoio à doutrina pagã da trindade, que justamente nessa época começava a ser debatida de forma muito calorosa, mas obviamente só apareceu nas igrejas lideradas pelos bispos. O que seria melhor, para isso, que recorrer a reprodução de cópias onde o batismo em nome da trindade estivesse exposto? Lembre-se de que Jerônimo disse: “quem depois traduziu para o grego é incerto”. O certo é que depois disso e até os dias de hoje Mateus 28: 19 é apresentado como o temos. É interessante recordar que foi precisamente no final do III século, quando o assunto da trindade começou a ser debatido entre Ário e Atanásio. Um apoio que favoreceria a Atanásio, posto por escrito justamente em um manuscrito atribuído aos apóstolos seria excelente, contudo, as evidências mostradas por Eusébio demonstram que o texto genuíno de Mateus 28: 19 é mais curto e provavelmente como se segue: “ide e fazei discípulos de todas as nações em meu nome, ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ensinado”.

Onde estará a resposta que esclareça essa situação?

Leia a próxima parte...

Quarta parte

Aclarando a verdade

A potente luz que ilumina o panorama e descobre a verdade da alteração do texto original a proporciona o Cardeal José Ratzinger (hoje papa Benedito XVI). Em seu livro <<Introdução ao cristianismo>> ele disse: “A resposta só pode encontrar-se olhando a forma concreta da fé cristã, e com isso queremos dizer o assim chamado credo dos apóstolos como uma seqüência. Pode ser útil prefaciar a discussão com uns poucos fatos acerca da origem e estrutura do Credo. Estes ao mesmo tempo façam alguma luz sobre a legitimidade do procedimento. A fórmula básica de nossa profissão de fé teve sua formação durante o curso do segundo e terceiro século d. C. em conexão com a cerimônia do batismo. Até onde se pode relacionar sua origem, o texto vem da cidade de Roma. Provavelmente, durante o segundo século, e ainda mais no terceiro, a originalidade da simples fórmula tríplice, a qual simplesmente utiliza o texto escrito de Mateus 28, foi alongada no meio da sessão, isso é, sobre a questão de crer em Cristo. Aqui, depois de tudo, o elemento decisivo para o cristianismo estava envolvido e considerou-se necessário dar-lhe, no âmbito da questão como um breve resumo do que Cristo significa para os cristãos” Introdução ao cristianismo. Capítulo 2, pg 82-82 (Cardeal Josef Ratzinger, atual papa Benedicto XVI).

A idéia aqui exposta requer atenção para observar a referência a <<fórmula tríplice de Mateus>>. Que melhor e mais claro testemunho para mostrar a origem da inserção longa de Mateus 28: 19, que esta, feita pelo atual papa Benedicto XVI? Sabiamente, e sem medo de cometer erro algum, declara que a fórmula tríplice do credo apostólico está associado como seqüência daquilo que posteriormente veio a ser tido como um alongamento da declaração de Mateus. O Cardeal está dizendo que esse alongamento em Mateus 28: 19 foi realizado por volta do século III d. C., quando o << Credo Apostólico>> foi elaborado.

O Cardeal disse que o credo apostólico constitui a forma concreta da fé cristã simplesmente porque ali são mencionados o Pai, o Filho e o espírito santo. É claro, que quando alguém diz credo apostólico (é melhor explicar para aqueles que não estão familiarizados com a história desse assunto), que por chamá-lo assim de nenhuma maneira significa que tenha sido redigido pelos apóstolos. O credo apostólico é anônimo, já que não se sabe a data em que apareceu, geralmente se diz que provavelmente próximo do final do II d. C. O cardeal Ratzinger, em seu escrito aqui considerado, declara que esse credo tem relação com o batismo, e apareceu entre os séculos II e III d. C. Os pagãos do século II em diante foram compelidos pelos bispos a aceitar a Deus Pai, a Seu Filho e ao espírito santo como requisito prévio para serem batizados. Não se admira que vários padres da igreja (entre eles os bem conhecidos Atanásio e Orígenes), naqueles tempos, enviaram cartas a respeito do batismo do pagão. Sendo que os pagãos estavam acostumados com as diferentes trindades pagãs, aceitaram ser batizados em nome de uma trindade, Pai, Filho e espírito santo. Disso nasceu o credo apostólico em Roma e a adição a Mateus 28: 19.

Mas esse credo ainda não é trinitariano, e não o é porque no tempo em que foi elaborado, a trindade, na qual o espírito santo é declarado uma pessoa, ainda não havia sido inventada. Mas assim mesmo a composição estranha ao cristianismo e a palavra de Deus, dos três que não são três mas sim um ainda viria a surgir só uns trezentos anos depois.

Também o Cardeal disse que a simples fórmula tríplice, a qual usa o texto de Mateus foi alongada durante a sessão. Que quer dizer isso? Isto quer dizer que quem criou o credo apostólico teve como base Mateus 28: 19, mas observe cuidadosamente que o Cardeal não diz que Mateus 28: 19 continha a fórmula tríplice, mas sim que quem criou o credo o alongou, veja as suas palavras: “a qual simplesmente usa o texto escrito em Mateus 28: 19, foi alongada durante a sessão, com respeito a questão de crer em Cristo”. Assim a fórmula tríplice não é de Mateus original (hebreu) mas sim do credo apostólico do século III como o leitor pode ver. E mais, ao dizer ele que “foi alongada durante a sessão, isto é, com respeito a questão de crer em Cristo”, está dizendo que para os criadores do credo apostólico não era correta a declaração original de Mateus na qual Cristo manda ir pregar o evangelho “em meu nome”, mas o alongaram adicionando “em nome do Pai, do Filho e do espírito santo”.

Com certeza a história do credo apostólico é bastante interessante porque é fonte informativa acerca das razões pelas quais o versículo 19 de Mateus 28 aparece em todas as versões da Bíblia como atualmente é apresentado. E mesmo que popularmente esse alongamento possa parecer piedoso é perfeitamente conveniente para a fé da religião romana cristã, o certo é que, se a história é correta, então significa que essa inserção não foi inspirada por Deus, mas sim por aqueles que forçaram e introduziram a entrada da trindade nas cópias dos escritos apostólicos.

O credo apostólico

“Creio em Deus Pai Todo Poderoso, Criador do céu e da terra. E em Jesus Cristo, seu único Filho, Senhor nosso, que foi concebido do espírito santo, nasceu da virgem Maria; padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; descendo ao inferno. Ao terceiro dia ressuscitou dentre os mortos; ascendeu aos céus e está sentado a direita de Deus Pai Todo Poderoso de onde virá a julgar aos vivos e aos mortos. Creio no espírito santo, a Santa Igreja Católica, a comunhão dos santos, no perdão dos pecados, a ressurreição dos mortos e na vida eterna. Amém”.

Como já disse antes, “credo apostólico” é o nome dado pela tradição a mais antiga formulação do que se pode identificar como declaração de fé da igreja Católica Apostólica Romana. É claro que como já havia sido mencionada, a designação do credo de maneira nenhuma significa que foi escrita pelos apóstolos do Senhor. Nenhum deles o conheceu nem muito menos o escreveu e nem tampouco o sugeriu. Na realidade, a igreja do século I d. C. não o conheceu. Seu (s) autor (es) é desconhecido. Mas pode se dizer que foi redigido (por algum bispo, ou alguns deles) em Roma, além de tudo, deve-se recordar que foi o bispo dessa cidade (Vitor) quem apoiado por outros bispos locais, tomou o direito de fazer de sua sede romana a cabeça da igreja Católica, o Cardeal Ratzinger disse que ali nasceu, se ao credo apostólico quisessem atribuir data mais antiga, essa seria localizada no final da última década do II século de nossa era, o mesmo tempo em que Roma estava sendo estabelecida como sede do cristianismo. Notório é enfatizar que essa declaração de fé não foi formulada para enfatizar a existência da trindade, nesse tempo a trindade não era dogma da igreja, pois ali o Pai, o Filho e o espírito santo são mencionados sem que existisse a intenção de fazê-los aparecer como um misterioso deus trino. Faltavam ainda vários séculos para que a trindade viesse a ser dogma da religião romana. Porque o Cardeal disse que foi escrita entre o século II e III, significando que ainda faltavam uns duzentos anos para que comesçassem a dar os primeiros passos para formular a declaração trinitariana. Essa inexistência da trindade está testificada pela confusão que imperava entre os bispos dos séculos III em diante, quando se iniciou o conflito entre Ário e Atanásio, porque ninguém a conhecia como doutrina da igreja.

A grande maioria dos bispos daquele tempo não sabiam que rumo tomar, se favoreciam o ponto de vista de Ário ou o de Atanásio, devido a isso Constantino se viu na necessidade de intervir ordenando aos bispos comparecer em concílio para tratar do assunto. Foi no ano de 325 d. C. que foi redigido o credo Niceno, o qual diz: “Cremos em um só Deus Pai Todo Poderoso, Criador do céu e da terra, de tudo visível e invisível. Cremos em um só Senhor, Jesus Cristo o Messias, Filho unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos: Deus de Deus, Luz de Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, da mesma natureza do Pai, por quem tudo foi feito, que por nós e por nossa salvação desceu do céu, por obra do espírito santo nasceu de Maria, a virgem e se fez homem. Por nossa causa foi crucificado nos tempos de Pôncio Pilatos. Padeceu e foi sepultado. Ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras, subiu ao céu e está sentado a direita do Pai. De novo virá com glória para julgar os vivos e os mortos, e seu reino não terá

fim. Cremos no espírito santo, Senhor e doador da vida, que procede do Pai e do Filho, que com o Pai e o Filho recebe uma mesma adoração e glória, e que falou pelos profetas. Cremos na igreja, que é una, santa, católica e apostólica. Reconhecemos um só batismo para o perdão dos pecados. Esperamos a ressurreição dos mortos e vida no mundo futuro. Amém”.

Pode se ver que no ano 325 a trindade ainda era desconhecida, ainda que o conteúdo desse credo começa a abrir a porta para formula-la. Contudo, a menção trinitariana está ausente. Mas parece que o propósito desse credo é o de enfatizar a divindade de Cristo.

O Cardeal Ratzinger, no capítulo 2 de seu livro <<Introdução ao cristianismo>>, disse que a fé da igreja repousa sobre o credo dos apóstolos pela menção que faz do Pai, Filho e espírito santo. Possivelmente o credo foi redigido primeiro e daí então veio o alongamento feito em Mateus 28: 19, se essa ordem é correta, então poderia se dizer que esse alongamento pode ter ocorrido lá pelo século III ou IV. O cardeal o disse da seguinte maneira: “Provavelmente no curso do II ou mais do III século a origem da muito simples fórmula tríplice, a qual usa o texto escrito de Mateus 28, foi alongada no meio da sessão, isto é, acerca da questão de crer em Cristo. Aqui, depois de tudo, o elemento cristão decisivo foi envolvido, e se creu necessário dar dentro do marco da questão como um breve sumário do que Cristo significa para os cristãos”. A <<origem da muito simples fórmula trinitariana>> não é de Mateus original (hebreu), mas foi a primeira declaração episcopal com o que o credo apostólico foi redigido. A partir dali bastou o passar do tempo para que a simples fórmula trinitária fosse modificada até vir a ficar fixa definitivamente, o que parece ter ocorrido no século VII d. C., assim, como se pode ver nos dois credos aqui transcritos, nenhuma menção ao Deus trino é feita. Mesmo que não seja mencionada, com certeza o credo dos apóstolos é a base da fé da igreja, mas por ser demasiado curto existiu a necessidade de reajusta-lo, por isso é que nos concílios seguintes ao de Nicéia do ano de 325, ou seja lá por 381, veio a necessidade de definir mais concretamente o dogma principal, motivo pelo qual o credo apostólico foi alongado e modificado segundo a necessidade da igreja. Ai foi incluído a trindade, mas deixou de ser chamado credo apostólico e passou a ser conhecido como credo de Atanásio, isto, possivelmente, para honrar os méritos de Atanásio que foi o primeiro que levantou a bandeira trinitariana. A partir da última parte do século IV o credo da igreja católica é definitivamente trinitário.

Ambas as coisas, a alteração de Mateus 28: 19 e o credo apostólico são antigos, e possivelmente nunca se saberá o que veio primeiro: se o alongamento de Mateus na versão grega ou a formulação do credo apostólico, contudo, ambos são contemporâneos e foram utilizados com força para colocar nos lábios do Mestre, palavras que Ele nunca pronunciou.

Quando apareceu a versão em grego de Mateus? Possivelmente nunca se saiba, sua investigação não é motivo de interesse da igreja romana, além de que, Jerônimo claramente expõe que já em seu tempo era desconhecida a pessoa que o fabricou.

Claro que o credo apostólico de maneira alguma tem as suas bases sobre o escrito hebreu original de Mateus 28: 19, o que já está demonstrado pelas fontes acima citadas que a ordem de Cristo aos apóstolos foi a de fazer discípulos, sem que contenha nenhuma referencia ao batizar, e muito menos a batizar em nome do Pai, do Filho e do espírito santo.